

Sexo, tecnologia e o novo homem - acontecimento midiático discursivo

Sex, technology and the new man - discursive media event

Wilton James Bernardo-Santos¹

Fabio Elias Verdiani Tfouni²

Resumo

Embasado na teoria e no método da Análise do Discurso francesa fundada por Michel Pêcheux, o trabalho apresenta uma análise de discursos sobre a internet e as novas práticas sexuais neste início do século XXI. Tomando como corpus uma reportagem de capa da revista Veja de 2013, a análise se dedica ao entrecruzamento de discursos da sexualidade e da tecnologia digital construindo um acontecimento discursivo. O processo analítico detectou algumas regiões de sentido com preponderância das relações entre o pragmatismo, a lógica instrumental da tecnologia. Sentidos que categorizam e tipificam os indivíduos são fundamentais na construção e no controle do sujeito contemporâneo. A análise também detecta a tradição do amor romântico como discurso histórico constitutivo do acontecimento. Em contraposição, são decisivos os sentidos que constroem imaginariamente uma nova forma-sujeito do discurso, mas muito marcada por uma memória discursiva da heteronormatividade masculina. Este trabalho é parte de um projeto mais amplo, dedicado ao estudo da construção da sexualidade, da feminilidade/masculinidade, do homem e da mulher na mídia.

Palavras-chave: *Análise do Discurso. Mídia. Sexualidade. Tecnologia*

Abstract

Based on the theory and method of French Discourse Analysis founded by Michel Pêcheux, the paper presents an analysis of discourses on the Internet and new sexual practices in this early 21st century. Taking as corpus a journalistic report of Veja magazine 2013, the analysis is dedicated to the intersection of discourses of sexuality and digital technology building a discursive event. The analytical process detected some sense regions with preponderance of the relations between pragmatism, the instrumental logic of technology. Meanings that categorize and typify individuals are fundamental in the construction and control of the contemporary subject. The analysis also detects the tradition of romantic love as a constitutive historical discourse of the event. By contrast, the senses that construct a new subject-form of discourse are decisive, but marked by a discursive memory of male heteronormativity. This work is part of a broader project, dedicated to the study of the construction of sexuality, femininity / masculinity, men and women in the media

Keywords: *Discourse analysis. Media. Sexuality. Technology*

Recebido em: 14/03/2020.

Aceito em: 10/09/2020.

¹ Docente na Universidade Federal de Sergipe. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4083-9367>.

² Docente na da Universidade Federal de Sergipe. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9694-4628>.

Introdução

O objeto que aqui trabalhamos vem a partir de uma matéria de capa da revista *Veja*³ tratando de dois trajetos temáticos discursivos entrecruzados na cultura ocidental: tecnologia e sexualidade. Um aspecto importante para a análise são as condições de produção abordadas por Pêcheux, a partir de seu comentário sobre o esquema da comunicação “emissor-mensagem-receptor” de Roman Jakobson. Para ele, o esquema possui “a vantagem de pôr em cena os protagonistas do discurso, bem como seu referente”. (1993, p. 81). Nesse comentário, Pêcheux indica que a AD não compreende a mensagem como transmissão de informação, mas como efeitos de sentido: “não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B mas, de modo mais geral, de um ‘efeito de sentidos’ entre pontos A e B”. (1993, p. 82). Ao Falar de A e B, Pêcheux indica que para a AD não se trata do sujeito empírico, ou seja: “da presença física de organismos humanos individuais” (1993, p. 82), mas sim “que A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social” (1993, p. 82) como o padre, o professor, a mãe e etc.

No caso do *corpus* em questão, a revista ocupa um determinado lugar social, que é o de um meio de comunicação autorizado a reportar e falar sobre diversos temas. Esse lugar não é meramente sociológico, mas uma imagem do sujeito que ocupa essa posição, como Pêcheux afirma “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”. (1993, p. 83).

Em relação às condições de produção, devemos considerar que os textos estão em uma revista semanal de circulação nacional - cujo formato e periodicidade possuem uma tradição social que também faz parte das condições de produção - pertencente a um grande grupo da indústria cultural (HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor, 1985; PUCCI, Bruno, 2006) que atua fortemente nesse segmento de mídia (jornalismo impresso). Isso significa dizer que a revista ocupa um lugar de funcionamento discursivo a partir da lógica industrial, ou seja, um meio de comunicação de massa, que atinge grande público e é subordinado à lógica do capital e do lucro.

Nessas condições, o *corpus* da análise, a reportagem da revista *Veja*, trata de um novo aplicativo no qual os usuários buscam amigos para sexo casual, o *Bang with friends*. A sociedade vive então um momento de novos comportamentos no campo da sexualidade: a prática dos relacionamentos fugazes, o chamado “sexo casual”, o “sexo virtual” sem contato corpóreo e o relacionamento “facilitado” pela internet. Dessa forma, existe uma novidade nesse campo que é a construção discursiva da ruptura com as práticas tradicionais do sexo.

A análise procurou então contemplar três diferentes materialidades empíricas: a capa, que inclui elementos verbais e não verbais, o corpo do texto em quatro recortes, uma barra/rodapé com informações sobre aplicativos e três boxes. Metodologicamente, a análise segue a ordem linear de apresentação das materialidades, mas, ao mesmo tempo, passamos a reordenar as sequências discursivas (SD) de acordo com as regiões de sentido (BARROS, 2015; SARGENTINI, 2005).

Consideramos que o *Bang with friends* é construído como um acontecimento: um fato que irrompe produzindo uma novidade em tensão com a memória discursiva. Assim,

³ Edição 2308 de 13/02/2013.

estamos trabalhando a noção de acontecimento discursivo a partir de Michel Pêcheux em seu *Discurso: estrutura ou acontecimento* (1997). Para quem o acontecimento se realiza “no ponto de encontro de uma atualidade e de uma memória” (p. 17). Onde é decisivo para o analista “como o texto organiza a relação da língua com a história no trabalho significativo do sujeito em sua relação com o mundo. É dessa natureza sua unidade: linguístico-histórica” (ORLANDI, 2000).

O acontecimento é também o próprio objeto da mídia. É uma novidade que precisa e merece ser registrada, noticiada. No entanto, para nós, não se trata de um mero registro de algo que ocorre no mundo, mas de uma construção. Nosso objeto de análise é então a construção do aplicativo (o Bang) como acontecimento histórico-midiático-discursivo tratando do Homem e suas práticas sexuais na relação com as chamadas novas tecnologias. A mídia toma para si o papel do historiador, realizando, como afirma Gregolin (2007), “uma história do presente”.

Memória discursiva: casamento, tecnologia e nova sexualidade

Iniciamos as análises trabalhando as relações entre os objetos selecionados a partir das materialidades empíricas com as quais o leitor primeiro se depara. Ou seja, a capa com seus enunciados verbais e outras semioses, com variados signos não verbais. Obviamente que a agência midiática, no caso a Revista Veja, trabalha o jogo de sentidos. Desse modo, é relevante observarmos a preponderância do discurso da heterossexualidade na capa, que também circula no corpo da reportagem, marcada a partir do sujeito masculino.

Os dois temas que se cruzam na reportagem, sexo e tecnologia, aparecem em destaque. Em um contexto imediato, temos dois cabos de conexão tipo USB metaforizando os órgãos sexuais (masculino e feminino), através dos encaixes dos cabos “para dentro” e “para fora” e com respectivos significantes grafados. Ou seja, temos os interlocutores que realizam o enunciado: “Quer transar comigo?”.

Figura 01



Edição 2308 de 13/02/2013 ⁴

⁴ Disponível em: <https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/32163?page=1§ion=1>. Acesso em: 25 fev.2020.

Como parte dessa cena enunciativa, temos os sentidos da cor vermelha, cor do sexo e da volúpia. Tudo isso compõe sentidos que capturam o sujeito no consumo notícia. Não se trata de uma mera estratégia no nível pragmático, pois os sentidos da cor vermelha, as letras grandes para falar de sexo e os cabos USB (macho e fêmea) são preponderantes na nossa sociedade e cultura. É uma memória discursiva automática sobre o sexo.

Desse modo, podemos compreender que está em funcionamento a preponderância interdiscursiva da heteronormatividade. Por que um cabo masculino e um feminino? Por que não mais cabos? Três, quatro, cinco cabos? O sujeito vem construído em uma posição alheia ao debate sobre LGBT, gênero, transgênero etc.? Temos aqui uma evidência construída? Um sujeito já lá (originário)? Um mundo logicamente estabilizado? (PÊCHEUX, 1997). Analisemos a sequência discursiva:

SD01 “O Bang with Friends, o maior sucesso recente do Facebook, vai direto ao ponto: quer transar comigo? É a mais nova ousadia da revolução sexual e comportamental promovida pela internet”.

A SD01 da capa (fig. 01) é graficamente trabalhada para estabelecer um jogo dialógico enunciativo, sobretudo por colocar em destaque a pergunta entre aspas: “Quer transar comigo?”. O sujeito enunciativo realiza o convite tabu e ao mesmo tempo dele se exime, uma vez que as aspas podem significar um discurso do outro (AUTHIER-REVUZ, 1990).

O fato discursivo realizado pela pergunta em destaque é a paráfrase de outro enunciado clássico que produz o efeito de divisão e constituição institucional da família: “Quer casar comigo?”. Temos então um entrecruzamento de discursos. É o efeito do funcionamento do interdiscurso realizado tecnicamente na língua através de pré-construídos, pois a memória discursiva comparece no texto através de uma fórmula pronta (PÊCHEUX, 2010), ou seja, é “a questão da memória como estruturação de materialidade discursiva complexa, estendida em uma dialética da repetição e da regularização (...) seria aquilo que face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’” (p. 52).

O que estamos examinando é o fato de a SD1 ser materialmente atravessada pelos sentidos do casamento. O enunciado traz, a partir da memória, o outro que lhe é constitutivo, construindo assim, um deslocamento de sentidos, o efeito metafórico. De modo que a SD01 desliza para a SD02 através da relação entre “casar” e “transar”, como aparece abaixo:

SD01 “Quer transar comigo? ”
↓
SD02 “Quer casar comigo? ””

Como dissemos, a SD02 produz o efeito disjuntivo fundamental para a instituição família. Sua realização é decisiva em certa tradição religiosa. É o que permite a “hora do sim!”. É que materialmente, o casamento, ordem cultural, atravessa a trajetória de sentidos biológicos relativos à atividade corpórea da cópula. Obviamente que esse efeito metafórico foi cuidadosamente trabalhado a partir das reuniões de definição de pauta da revista, como um “chamariz” para obter a adesão dos leitores. Trata-se de uma estratégia no nível pragmático, mas do ponto de vista discursivo é o trabalho de ruptura, o acontecimento discursivo: o novo no velho, a polissemia na paráfrase.

A constituição do acontecimento avança a partir do fragmento “revolução sexual e comportamental” reforçando o sentido de ruptura e de acontecimento. O termo “revolução” é uma pista (GINZBURG, 2003) em relação ao acontecimento. É parte da ruptura com o que vinha antes, no caso a memória da sexualidade, suas proibições e interdições.

Outro aspecto central são os sentidos da “mais nova ousadia da revolução promovida pela internet”. Como significado na SD01, o novo comportamento é uma “ousadia”, uma ruptura com as práticas sexuais mais conservadoras. Assim, a internet é o lugar da permanente ruptura, uma ordem sequenciada da revolução: algo contemporâneo, novo, relativo a tudo que é atual, hipermoderno. Os sentidos do “sucesso” também são indício de que se trata de um acontecimento relevante que está na ordem do dia e precisa ser noticiado, ao mesmo tempo em que reforça o aspecto “espetacular” da notícia.

Como parte da construção do sujeito, essa discursividade heteronormativa comparece também ao longo da reportagem. Passamos agora a apresentar a análise do corpo do texto que vem em cinco páginas (pp. 64-69).

Nova forma-sujeito digital/virtual: a morte do velho mundo

As duas primeiras páginas (p. 64-65) compõem uma unidade de abertura do texto. Trazem no alto o nome da seção “Especial” e o título “DIRETO AO PONTO” em uma grande imagem com jovens, homens e mulheres e os sentidos de conexão/cópula entre cabos USB com símbolos masculino/feminino reproduzindo o discurso da heteronormatividade com preponderância masculina e repetindo a SD01 da capa, exceto em um fragmento da sequência. Vejamos:

SD02 “O Bang with Friends, o maior sucesso recente do Facebook, não perde tempo com meias palavras: você quer transar comigo? É a mais nova ousadia da revolução sexual e comportamental promovida pela internet” (p. 65).

O fragmento “vai direto ao ponto” que aparece na capa é aqui substituído por “não perde tempo com meias palavras”. Fundamentalmente, nas duas sequências, devemos considerar o discurso da aceleração das práticas sociais pelas condições impostas a partir das tecnologias da informação. Toda a tradição do jogo de hesitação do cortejo que antecede à relação sexual é significada como “perda de tempo” e “meias palavras”. É um sujeito pragmático para as práticas sexuais.

Esse discurso da aceleração e de não perder tempo vem da memória do capitalismo. Com a surgimento da mais valia relativa, o tempo no trabalho se tornou questão fundamental ao funcionamento dos meios produtivos, pois “tempo é dinheiro”, e essa memória ecoa em outros discursos, como o aqui abordado. De modo que a sociedade em geral é tomada pelos sentidos do tempo. Essa lógica racionalizadora industrial invade todas as práticas sociais que constituem o sujeito, inclusive no campo sexual. Ítalo Calvino (1990) coloca a rapidez entre as suas “6 propostas para o próximo milênio”.

Na parte inferior das duas páginas, o texto da reportagem tem início. Nossa análise definiu um primeiro recorte a partir do efeito “introdução do texto” produzido (o lead, no jornalismo). O que passa a funcionar fortemente é um discurso pedagógico que estamos

interpretando como parte do acontecimento histórico no sentido civilizacional ou colonialista. Como no sentido do que é educação, o leitor é construído como aquele que não conhece (a novidade do Bang), não sabe e precisa ser guiado, orientado para existir (FISCHER 2002): “modos de constituir a si mesmo – para os diferentes grupos sociais, particularmente para as populações mais jovens – se fazem com a contribuição inegável dos meios de comunicação” (p. 153).

É nesse sentido mais amplo e profundo que vai sendo construída a posição sujeito. Observemos que essa sequência inicial do texto (SD03, abaixo) traz sentidos de exclusão para o sujeito social que não tem relação com a internet. É aquele que nada sabe: são os “recém-chegados de Marte”. Esses sentidos vêm bem ao encontro do discurso da aceleração e do atraso para aqueles que estão “fora da internet”.

SD03 “Se alguém recém-chegado de Marte quiser se informar sobre a revolução sexual e comportamental promovida pela internet, pode começar o aprendizado por observar o *Bang with friends* (traduzido do inglês chulo original, significa ‘transar com amigos’)” (p. 64).

Note-se que o sujeito é fortemente afetado pelo domínio social total da internet. É parte da construção da posição do sujeito em um sentido condicional de tal ordem hipotética extremada que escapa à categoria humano: o “fora da internet” é um “marciano”, um não humano.

O mundo digital é tão determinante para o sujeito, que o efeito de sentido construído na matéria é o de um novo sujeito, possibilitado pela tecnologia digital. Nesse sentido vislumbra-se o esboço imaginário de uma “forma-sujeito digital/virtual”. O sujeito é afetado pela memória discursiva da internet revolucionária como o ápice da civilização no sentido de que quem está fora da internet seria como um “bárbaro”, pois não domina o “novo latim”, não é afetado pela memória metálica (ORLANDI, 1996) da internet.

Este entrecruzamento de sentidos que atravessa todo o texto vem mesmo pelos sentidos da aprendizagem, da informatividade e pelos sentidos de reflexão marcadamente escolares. Como em “quem quiser se informar sobre” e “pode começar o aprendizado por observar”. O sujeito é constituído pela discursividade da explicação funcionalista abstrata, um discurso lógico-científico que usa letras para trabalhar com variáveis. Vejamos:

SD04 “Quando A clica B e B clica A tem-se um par disposto ao sexo casual. O programa então manda um e-mail (It’s bangin’ time! You’ve got a bangin’ match” – “É hora de transar...”).” (p. 64).

O discurso pedagógico também é fortemente marcado em uma espécie de nota de rodapé da reportagem (p. 66-67). Nesse quadro, é apresentado um guia para usar o “Bang with friends”, com o “passo-a-passo” numerado (descrevendo ao aluno as tarefas a fazer) para usar o aplicativo. O quadro explica também sucintamente a dinâmica de funcionamento do aplicativo e traz outros quadros indicando outros aplicativos como o Bang, que seriam “também para Bang” ou “para namorar”.

Para fechar esse primeiro trecho da reportagem e ao mesmo tempo abrir o segundo, vem uma discursividade reflexiva significando a morte do velho mundo. É uma sequência discursiva muito própria do ensino, como em uma redação escolar. Uma pergunta para estruturar a “redação”.

SD05 “O sucesso do Bang traduz a mudança na forma com que as pessoas encaram o relacionamento amoroso, casual ou sério. Será que também pode ser interpretado como o último prego no caixão do amor romântico?”. (p. 64).

O termo mudança também traz o sentido de acontecimento, de novidade, de rompimento com o que vinha antes. São os sentidos “da revolução sexual e comportamental promovida pela internet”. Uma mudança de costumes que a revista caracteriza como o possível fim do amor romântico. O fim do amor romântico tem sido tratado por diversos autores como Bauman (2004, p. 19). Para esse autor, os relacionamentos contemporâneos são líquidos e não sólidos, ou seja: estão sempre em mutação.

Nessa direção, também é relevante considerar o fato de que o sujeito, na SD05, assume uma posição que convida o leitor (posto na posição de aluno) a interpretar, ou seja, uma prática escolar: “Será que também pode ser interpretado como o último prego no caixão do amor romântico?”. Por outro lado, essa mesma pergunta abre caminho para um funcionamento discursivo que trabalha sentidos históricos que aparecem fortemente em outros lugares da reportagem.

SD06 “A questão filosófica é se a indústria do relacionamento amoroso, com sua eterna promessa de novos namoros, é um sinal da morte do sexo com compromisso.” (p. 67-68).

A SD06 retoma sentidos anteriores relativos ao sexo casual e sem compromisso como na SD05 indicando a morte de um modo de pensar e de existir e, também, a morte de um discurso sobre a sexualidade, bem como o surgimento de uma nova discursividade e de novas práticas no campo sexual. Isto é, os sentidos da morte trabalham justamente o acontecimento, uma ruptura para a construção do novo.

Isso é retomado na SD06 como uma questão “filosófica”, o que pode ser lido discursivamente como uma questão de “princípio”, de “essência” ou de “fundamento”, a questão do sujeito contemporâneo e seu modo ser no mundo, sua “metafísica” (isso é parte da filosofia ocidental). Também entendemos a SD como parte do discurso pedagógico, que pergunta, responde e convida à reflexão. Inclusive com os sentidos próprios do sujeito analista que critica, faz questionamentos.

A morte do amor romântico, e a questão filosófica indiciam discursivamente o surgimento de um novo homem, lido aqui como um novo sujeito. As SD apontam fortemente para a construção imaginária de uma nova forma-sujeito.

A pergunta de redação escolar, na SD09, realiza um efeito introdução, abrindo a textualidade. De outra parte, a SD10 funciona como fechamento, retornando à mesma discursividade, e conferindo destaque à questão do amor romântico e do rompimento com o compromisso, caracterizando assim o acontecimento discursivo.

Heteronormatividade e tipificação do sujeito

Identificação, categorização e tipificação dos indivíduos são parte decisiva na administração das práticas sociais e, portanto, na construção e no controle do sujeito contemporâneo. Nossa análise apresenta uma região de sentidos que constrói uma imagem do sujeito (PÊCHEUX e FUCHS, 1993) usuário do aplicativo, ou seja, do sujeito da

sexualidade contemporânea. Inicialmente, é preciso dizer que a discursividade em funcionamento tipifica o sujeito a partir do que podemos chamar de categorias sociológicas. A imagem do sujeito é delimitada em certa faixa etária: “em sua grande maioria, eles têm entre 18 e 35 anos. São universitários ou recém-formados” / “O usuário típico do Bang with friends tem 20 e poucos anos, é universitário ou recém-formado.” / “um deles, jovem na faixa de 20 anos”, o aplicativo “agrada a jovens, como nós”. “Somos uma geração que pensa no sexo de forma liberal”.

Estamos então compreendendo essa região de sentidos como parte fundamental na construção do acontecimento discursivo. Esses sentidos colocam o jovem como agente da mudança, do acontecimento a partir de uma memória social e discursiva na qual o jovem é agente de mudanças enquanto os adultos e idosos seriam conservadores e por isso, são interditados. Esses sentidos do “jovem” se juntam ao discurso do “novo”, ou seja, são parte do acontecimento discursivo como uma evidência da relação do sujeito com a sexualidade.

Esse discurso se constitui por oposição a juízos morais: “reação de setores moralistas da sociedade” ou categorias históricas: “sites tradicionais de namoro on-line”. Também essa discursividade vai trabalhando a distinção que constitui o sujeito com “papo furado” que é o Outro e “direto ao sexo”, significando o Eu. A mesma discursividade trabalha também a partir de outras categorias sociológicas como origem geográfica ou nacionalidade “os alemães são os que mais rápido estão aderindo ao Bang (19 % do total), seguidos por americanos (18%) e brasileiros (8%)”.

Também observamos imagens antropológicas que levam em conta as relações de parentesco para interditar a endogamia. O que significa a presença dessa discursividade? Ela é demarcadora do impossível e nessa direção abre o espaço do possível. É condição de produção, é condição de funcionamento, de constituição do sujeito, como vemos abaixo:

SD7 “O Bang só leva em conta a existência de familiares na lista de amigos se eles forem devidamente identificados como “mãe” ou “filha” no Facebook. Por isso é normal ver a presença da vovó entre os candidatos a Bang” (p. 67).

As imagens que tipificam o sujeito são realmente preponderantes. Mas, de modo decisivo, no trecho abaixo, irrompe na intradiscursividade uma formação imaginária que recobre toda a textualidade. Vejamos:

SD08 “E também não se assuste ao deparar com fotos da própria namorada na lista” (p. 67)

A SD08 muda o referente e aponta na direção do leitor: “não se assuste”. Nesse caso a marca dêitica, não deixa dúvidas: o interlocutor é imaginariamente construído como masculino já que o objeto é a “própria namorada”. O sujeito que enuncia aqui poderia ser feminino, porém o movimento dos sentidos que vão até a SD09 confirma a heteronormatividade. Sigamos:

SD09 “No passado, procurávamos entre uma dezena de mulheres de uma vila qual era nossa preferida”. (p. 69).

O objeto da procura do eu enunciativo é a mulher como vemos em “procurávamos entre uma dezena de mulheres” o que não impediria que estivéssemos diante de uma

relação homossexual. Também o recorte “fotos da própria namorada” (SD08) poderia significar uma interlocução homossexual, mas ocorre que somente mais adiante, no mesmo parágrafo, é categorizado o homossexual de modo a incluí-lo restritivamente. Nesse sentido, a SD abaixo trabalha exatamente essa exclusão/divisão:

SD10 “O aplicativo é bastante simples. A única triagem possível é a separação entre homens e mulheres. Não há, por sinal, restrição alguma à pegação homossexual”. (p. 67).

Note-se que agora, sim, aparece lateralmente a homossexualidade. Nesse ponto, um fato importante é a contradição entre “o dizer e o dito” posto que a declaração de não haver restrição ao homossexual é realizada restritivamente com o aposto “por sinal”. Quer dizer, a matéria é preponderantemente heteronormativa de um ponto de vista masculino, inclusive pelo fato de “abrir espaço” para a homossexualidade.

A heteronormatividade masculina também aparece em uma espécie de nota de rodapé da reportagem (p. 66-67) que funciona como um guia para usar o *Bang with friends* onde a homossexualidade é levada em conta de forma restritiva ao indicar o aplicativo *Grindr* (homossexual), ou seja, uma preponderância da heteronormatividade masculina.

Discurso histórico e pragmático: o homem e a máquina

É preciso dizer que a construção do acontecimento se dá também a partir da posição sujeito do discurso que historiciza e argumenta, que constrói uma memória do novo. Para a AD, uma questão fundamental que diz respeito ao modo de construção do discurso.

Trata-se não apenas de mobilizar os sentidos de um *corpus*, mas também de compreender como se constroem discursivamente os sentidos e as evidências. O sujeito enunciativo da matéria, que analisa, historiciza e ensina, constrói o *Bang* enquanto acontecimento a partir dessa posição. A textualização é então decisiva para a construção dos efeitos de sentido, pois nenhum discurso se dá sem o suporte da base linguística. Desse modo, como resposta à pergunta formulada (SD05), no recorte anterior, vem a sequência:

SD11 “No meio do século XVIII, o movimento artístico e filosófico do romantismo elevou as alturas o ato de cortejar com a seguinte definição: ‘uma missão heroica a procura de sentido para a vida, de identidade pessoal e de uma espécie de salvação na terra’”. (p. 65)

Essa SD11 serve de contraponto ao pragmatismo e à fugacidade das relações atuais, ao significar um passado no qual o ato de cortejar dava sentido à vida e era tido como heroico. Podemos dizer que essa textualização constrói não só a diferença, mas também significa o pragmatismo e a volatilidade nos dias atuais. Essa diferença também significa o rompimento com o passado, ou seja, a construção do novo. O discurso histórico tem aqui o efeito de construir a novidade, como uma memória discursiva do acontecimento por contraste com as práticas históricas. Em termos de condições de produção, ressaltamos o fato de que a facilitação do relacionamento é da ordem do indivíduo, mas é preciso compreender que a eficácia é própria do capital enquanto ordem histórica interpeladora do indivíduo em sujeito (PÉCHEUX, 1997; ALTHUSSER, 1980).

Com o fim da união soviética nos anos 1990, e com o crescimento do pensamento liberal veio junto o pensamento pragmático, para o qual o importante são os aspectos práticos da vida, o fim do idealismo. Esse discurso se tornou totalizante invadindo todas as esferas da vida, inclusive a íntima. É a decadência do idealismo do amor romântico, em favor de relacionamentos mais práticos, mais fluidos e menos duradouros:

SD12 “Essa nova eficiência afeta vários aspectos de como pensamos um relacionamento. (...) como se tornou mais fácil achar parceiros, as pessoas acabam perdendo rapidamente a paciência (...) Afinal, é fácil arranjar outra pessoa” (p. 65).

Em resumo, pela memória das práticas sexuais e dos afetos, a história aparece construindo a sexualidade atual com sentidos de novidade, de ruptura, do acontecimento que constrói o sujeito a partir da máquina.

O que temos são práticas da máquina. E isso faz retornar textualmente os discursos do pragmatismo na vida contemporânea como em “pule a conversa” / “vai direto”. Por isso o pragmatismo “interpela o indivíduo como sujeito, dirigindo-se a ele através do apelo a um certo significante-mestre (‘Comunismo’, ‘Deus’ ‘Liberdade’, ‘América’); numa palavra é o ponto de subjetivação da cadeia significante” (ZIZEK, 1992, p. 100) no sentido de um significante que serve de ponto de ordenamento para os outros significantes. Se concebemos o pragmatismo como um significante mestre, podemos dizer que os sentidos de outros significantes como “relacionamento”, “amor” e “sexo” serão determinados a partir do pragmatismo. Assim, em um discurso pragmático, a atitude perante o amor e o relacionamento deve se restringir a sua efetividade. Ou seja, o sujeito é construído pelos sentidos da objetividade lógica nas condições de necessidade e suficiência onde pesam as divisões não-existência/existência; não-ocorrência/ocorrência; falsidade/verdade (SWARTS, 1997). Um efeito desse discurso pragmático é a construção da máquina como sujeito, como o novo homem.

SD13 “O Bang with friends *reviu* o tema (p. 65).

SB14 “O Bang vem para *quebrar* essa enorme barreira” (p. 67).

SD15 “O aplicativo (...) vai *direto* ao ponto” (p. 64).

SD16 “O aplicativo *abre* portas para quem deseja transar” (p. 68).

Nas SD acima, a divisão vem pela ruptura histórica (rever, quebrar, abrir) que podemos descrever com o par idealismo/liberalismo. A objetividade lógica aparece em “vai direto ao ponto”, em “pular a conversa”, ou seja, o sujeito opera de modo pragmático, numa ilusão de poder suprimir a linguagem humana (deixar de lado o cortejo, o galanteio) e discursivamente incluir outra: a da tecnologia. Isso é uma ilusão na medida em que o real é sempre constituído pelo simbólico.

A tecnologia funciona não apenas como mediadora entre os parceiros ocupando o lugar da linguagem ordinária, ou seja: o lugar do homem que está na “busca”. Nesse caso, como diria McLuhan (2007): o meio é a mensagem? E nesse sentido, a reflexão é mesmo sobre as relações entre Homem/Máquina, sobre “a sociedade dos humanos de um lado, e a raça das máquinas”; sobre a “aliança de uma espécie animal com um número indefinido, sempre crescente de artefatos”; sobre “estas construções de coletivos híbridos e de circuitos crescentes de complexidade, colocando sempre em jogo mais vastas, ou mais ínfimas, ou mais fulgurantes porções de universo”. Mas também sobre o fato de que há: “máquinas de morte e de assujeitamento, máquinas de exploração, máquinas loucas lançadas por humanos contra humanos, construídas e mantidas por homens e triturando

outros homens” (Todas as citações acima: LÉVY, 2004. pp. 117-118).

Portanto, é fundamental considerarmos que o tecnológico é parte decisiva na constituição do sujeito do discurso nas materialidades em questão. Nesse sentido, tomando a reflexão de C. Dias (2018) sobre as relações entre o tecnológico e o político, diríamos que operam recalques do humano. Assim, temos a seguinte representação gráfica:



Ou seja, a linguagem pragmático-tecnológica suplantaria a linguagem humana. Isto significa que o sujeito/humano é construído nesse desejo de auto apagamento, ou melhor dizendo, de sua constitutividade tecnológica que funciona então como dispositivo de segurança, de proteção. É o que vemos nas sequências abaixo.

- (17) “Down to bang – Já está tudo combinado” (p. 66).
- (18) “Para quem tem medo de dizer cara a cara” (p. 68).
- (19) “No mundo real, não é comum dizer isso na cara da pessoa”.
- (20) “Sem risco de rejeição” (p. 69).

O trecho “Sem risco de rejeição” traz o sentido da rejeição como muito forte nas relações. O Aplicativo evitaria esse inconveniente, aspecto bem relevante na atual sociedade que busca satisfação imediata, instantânea e sem percalços. Note-se que as relações são também construídas pelos sentidos da “caça”, e do “tiro certo”. Com isso, protege-se a imagem e se evita a ferida narcísica do sujeito no sentido psicanalítico.

Em Freud o narcisismo se refere ao direcionamento da pulsão em direção ao eu, e se relaciona com o ato psíquico necessário para a existência desse eu. A rejeição, tomada aqui como “risco”, significa algo que pode ferir o investimento do sujeito em si mesmo. Segundo Roudinesco e Plon, Freud define o narcisismo “como uma atitude resultante da transposição, para o eu do sujeito, dos investimentos libidinais antes feitos nos objetos do mundo externo. [...] o narcisismo infantil ou primário é contemporâneo da constituição do eu (p. 531).

O aplicativo é significado como proteção do sujeito pelo discurso do “medo de dizer”, “já está combinado” e “sem risco de rejeição”. A tecnologia funciona como um mecanismo de defesa constituído em uma anterioridade não histórica, mas algorítmica. A máquina entra como contraparte para evitar a contradição, ou seja, evitar o próprio do humano: a linguagem.

A SD abaixo, também permite ver no aplicativo uma lógica da razão instrumental própria do capitalismo liberal na qual o importante é maximizar a eficiência com menor esforço (trabalho).

SD21 “Um estudo [...] identificou 109 estratégias adotadas por homens e mulheres para chamar a atenção de pretendentes em bares, incluindo encarar de forma sedutora, demonstrar simpatia com piadas e pagar uma bebida para sinalizar a paquera. Com o Bang, nada disso é preciso”. (p. 65).

Nessas condições históricas de produção, o sujeito do Bang entra no jogo da lógica instrumental e do capital, bem como do pragmatismo próprios do fetichismo da

mercadoria (MARX, 2002), que consiste na troca de relações de pessoas por relações entre coisas. Nesse processo, a mercadoria se torna sujeito e o sujeito se torna coisa (mercadoria): as relações ganham sentido dentro de um mercado. O sujeito busca um “objeto” para comprar em redes sociais como o Bang. Ao mesmo tempo ele próprio se coloca como objeto a ser vendido, como mercadoria. É nesse sentido que Bauman afirma que existe um fetichismo da subjetividade:

Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. A “subjetividade” do “sujeito” [...] concentra-se num esforço sem fim para ela própria se tornar, e permanecer uma mercadoria vendável (BAUMAN, 2008, p. 20).

No entanto, o sujeito não se enxerga como mercadoria (objeto). Ele se vê apenas como comprador (sujeito). Esse esquecimento consiste em um recalçamento decisivo para o funcionamento desse processo. E há um trabalho de busca dessa memória pelo discurso da origem.

Discurso da origem: tecnologia, espaço-tempo para o sujeito.

Nossa análise traz um último recorte preponderantemente regulado por sentidos do passado para constituir o presente, ou seja, um histórico-comparatista. Tomado pelos sentidos da internet como marco histórico de um novo real, o sujeito funciona a partir de uma formação discursiva de sentidos historicistas da “busca da origem de si”, um sujeito “arqueólogo”. Vejamos:

SD22 “A internet universal, com o ‘www’, do jeito que a conhecemos existe há apenas 23 anos. A primeira rede social virtual criada em 1959 por dois estudantes de engenharia da Universidade de Standford no Vale do Silício”. (p. 67).

Temos na SD um domínio de sentidos relativos ao tempo que, além de construir uma origem e uma história, demarcam a tecnologia como acontecimento pelo discurso da construção da origem do novo. Desse modo, o recorte temporal nos anos de 1960 é um marco na construção de uma história paradoxal para o sujeito: ele é novo, mas sua condição é ter uma origem.

Nessa “busca da origem de si”, o sujeito é levado a recuar mais no tempo de modo a produzir um efeito de historicidade robusta por onde entram também sentidos dos efeitos da instrumentação tecnológica relativamente ao espaço como vemos abaixo:

SD23 “O impacto da tecnologia sobre a forma como lidamos com o sexo e o amor começou a se tornar evidente 200 anos atrás. Um estudo publicado no ano passado pelo geneticista Stephen Jones constatou que a bicicleta ampliou em 48 quilômetros o raio de distância que ingleses percorriam para encontrar uma namorada no século XIX. Antes da bicicleta, a maioria se casava com pessoas que viviam a poucos quilômetros de distância (p. 68).

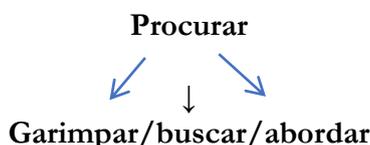
SD24 “Em 1932, uma pesquisa do sociólogo americano James Bossard concluiu que três de cada dez namorados ainda viviam a cinco quilômetros de distância um do outro e que

em um de cada seis a proximidade era de um quarteirão. A popularização de carros, aviões e, principalmente, da internet mudou a situação. Hoje, 40 milhões de pessoas estão casadas com pessoas de nacionalidades diferente da sua” (p. 68).

A questão da história e da busca do momento de ruptura dá mais um passo (nas SD23 e 24) ao tratar da tecnologia de outro modo. Agora, levada em conta não apenas enquanto o virtual, ou a computação, mas num sentido mais amplo e analógico ao introduzir a bicicleta, que é a ferramenta de busca, ao invés do digital. Essa relação também aparece na SD24, trabalhando numa espécie de evolução tecnológica: bicicleta, carro, avião culminando com a internet. Implicada nessa relação entre diferentes tecnologias estão as dimensões do tempo e do espaço. Por exemplo, o espaço pensado no sec. XIX vem significado por medidas de distância nas condições próprias do momento histórico “48 quilômetros o raio de distância” o que não ocorre quando é significado o espaço na contemporaneidade: “o relacionamento on-line”.

Essa divisão do tempo continua com o paralelismo entre “no passado” / “hoje” e “procurávamos”. A distinção marcada pelos sentidos de “como era/como é” vem em dados quantitativos “dezena de mulheres de uma vila” / “dezenas de milhões”. Por outro lado, é preciso compreender que o sujeito é afetado por essa divisão em suas predicções específicas na linguagem. Vejamos a sequência e, logo abaixo, as paráfrases:

SD25 “No passado, procurávamos entre uma dezena de mulheres de uma vila qual era nossa preferida. Hoje garimpamos entre dezenas de milhões’. Essa nova possibilidade facilitou a busca (...) calcula-se que em cada quatro abordagens virtuais em programas como o Bang, uma tenha sucesso. Em contrapartida, o aumento da variedade reduziu a paciência para relacionamentos sérios e nos deixou mais promíscuos (p. 69).



Os sentidos vêm especificando o sujeito pela polissemia nos significantes. Como vemos, o novo se insurge pelo “velho”. “Procurar/garimpar” é o próprio do Outro. O Eu é constituído por “buscar/abordar”. São marcas da historicidade no texto notadamente quando o sujeito é afetado por sentidos que tipificam e regram os relacionamentos em “sérios/promíscuos”.

Na última sequência do texto, a comparação passado/presente contempla a espacialidade em um efeito metafórico que opõe o digital/virtual ao espaço urbano: “praça pública” / “Facebook” como vemos abaixo.

SD26 “É o ambiente propício para a proliferação de uma ferramenta como o Bang, o novo fenômeno da maior praça pública já criada pelo homem, o Facebook com seu 1 bilhão de frequentadores.”

Observemos na SD26 que o efeito de totalidade produzido pelos sentidos da internet e do aplicativo em questão é materialmente um efeito discursivo já que os mais de 6 bilhões de não frequentadores seriam não humanos, seriam marcianos. Como vemos no início da reportagem.

Considerações finais

Em uma espécie de balanço final, podemos dizer que as construções que analisamos não são efetivamente definitivas nesse início de século XXI. O que podemos observar, é uma forte presença de discursividades, digamos, tradicionais. E realmente, o passado é sempre um Outro constitutivo, funcionando pelo interdiscurso.

De outra parte, nos deparamos com discursividades de ruptura, de novidades no campo da sexualidade: a rapidez, a facilidade, o prazer imediato, ou seja, as urgências que afetam outras dimensões da vida contemporânea. Mas, note-se que a tradição das relações sexuais é fundamental como vimos, a abertura promovida pelo artefato tecnológico não impede que as relações continuem sendo marcadas pela ordem da heteronormatividade masculina.

Por fim, uma questão que devemos considerar é o avanço deste trabalho (como projeto) a partir de outras materialidades para observarmos o funcionamento da construção dessa ruptura histórica. Com isso, podemos abrir algumas perguntas. Por exemplo, como os rituais, as práticas sociais estão significando a sexualidade? Como os sentidos de tecnologia estão trabalhando a construção da “nova sexualidade”?

Referências

- ALTHUSSER, L. P. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- BARROS, T. H. B. Por uma metodologia do discurso: noções e métodos para uma análise discursiva. *In: Uma trajetória da Arquivística a partir da Análise do Discurso: inflexões histórico-conceituais* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 73-95. ISBN 978-85- 7983-661-9.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2004.
- BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2008.
- CALVINO, I. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras. 1990.
- CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- DIAS, M. das G. L. V. **Do gozo fálico ao gozo do Outro**. *Ágora* (Rio de Janeiro) v. XI n. 2 jul/dez 2008 p. 253-266.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- GADET, F. et HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Edunicamp, 1990.
- GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. *In: Mitos, emblemas, sinais:*

morfologia e história. 2. ed., 1. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GUILHAUMAU, J. & MALDIDIER, D. Da enunciação ao acontecimento discursivo em análise de discurso. *In: História e sentido na linguagem*. Campinas: Pontes, 1989.

HORKHEIMER, M. & ADORNO, T. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. Pp. 169 a 214. *In: LIMA, Luiz Costa. Teoria da cultura de massa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 364p.

KRIEG-PLANQUE, A. **A noção de “fórmula” em análise do discurso**: quadro teórico e metodológico. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

LÉVY, P. **As tecnologias da Inteligência** – O futuro do pensamento na era da informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34. 2004.

MARX, K. **O Capital**. Livro I, Volume 1 - O processo de Produção do Capital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MCLUHAN, M. **Os Meios de Comunicação Como Extensões do Homem**: Understanding Media. São Paulo: Cultrix. 2007.

MOURA, R. L. **História das revistas Brasileiras**: informação e entretenimento. VII ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA. Unicentro: Guarapuava, Paraná.

ORLANDI, E. P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas: Vozes, 1996.

ORLANDI, E. P. (Org.). **Gestos de leitura**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: Princípios e Procedimentos. 2. ed. Campinas: Pontes, 2000.

ORLANDI, E. P. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, E. P. **A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico**. Disponível em:
https://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/volumeII/arquivos/pdf/eurbanoVol2_EniOrlandi.pdf. Acesso em 10 abr. 2019.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni P. Orlandi *et al.* Campinas: Editora da UNICAMP, 1998. (Coleção Repertórios).

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento? Tradução Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 1997.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. *In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 163-252.

PÊCHEUX, M. “Delimitações, inversões, deslocamentos”. *In: GERALDI & ORLANDI (Org.), Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, jul./dez. 1990, p. 7-24.

PÊCHEUX, M. Análise do discurso: três épocas (1983). *In: GADET, F. et HAK, T. Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Edunicamp, 1990, pp. 311-318.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. *In: ACHARD, Pierre (et al.). Papel da memória*. Tradução José H. Nunes. Campinas: Pontes, 2010. p. 49-57.

PUCCI, B. “Indústria cultural hoje: apresentação”. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL: A INDÚSTRIA CULTURAL HOJE: 28/08 a 01/09/2006*. Disponível em: <http://www.unimep.br/~bpucci/industria-cultural-hoje-2006.pdf>. Acesso em: 26 fev.2020

SARGENTINI, V. M. O. **A noção de formação discursiva: uma relação estreita com o corpus na Análise do Discurso**, 2005. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/VaniceMariaOliveiraSargentini.pdf>. Acesso em: 26 fev.2020

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix. s/d.

SWARTS, N. “The Concepts of Necessary Conditions and Sufficient Conditions”. Department of Philosophy Simon Fraser University, 1997. Disponível em: <http://www.sfu.ca/~swartz/conditions1.htm>. Acesso em: 26 fev.2020

ZIZEK, S. **Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1992.